

Juventude e cidadania: uso das mídias digitais na ONG Aldeia, em Fortaleza

Juventud y ciudadanía: uso de los medios digitales en la ONG Aldeia, en Fortaleza

Youth and citizenship: usage of digital media at the NGO Aldeia, in Fortaleza

Denise Maria Cogo¹

Daniel Barsi Lopes²

Resumo O artigo analisa os processos de comunicação cidadã tecidos por jovens que atuam na associação Aldeia, em Fortaleza, Ceará. O marco teórico da pesquisa abrange os estudos sobre movimentos sociais, mídias digitais e comunicação cidadã. Selecionamos, como resultado da pesquisa, três aspectos dos usos das tecnologias pelos jovens do Aldeia: 1) a ausência de uma maior criticidade na leitura dos meios ; 2) a complementaridade entre as mídias analógicas e as digitais; e 3) a demanda por profissionalização.

Palavras-chave: Juventude. Cidadania. Mídias digitais. Movimentos sociais.

Resumen El artículo analiza los procesos de comunicación ciudadana protagonizados por los jóvenes que actúan en la asociación Aldeia, en Fortaleza, Ceará. El marco teórico abarca los estudios sobre movimientos sociales, medios digitales y comunicación ciudadana. Recogemos tres aspectos en los usos de la tecnología por los jóvenes de Aldeia: 1) la falta de una mayor criticidad en la lectura de los medios, 2) la complementariedad entre los medios analógicos y digitales, y 3) la demanda hacia una mayor profesionalización.

Palabras-clave: Juventud. Ciudadanía. Medios digitales. Movimientos sociales.

¹ Pós-Doutorado na Universitat Autònoma de Barcelona – UAB, Espanha. Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Pesquisadora Produtividade do CNPq.

² Doutor em Ciências da Comunicação na Unisinos-RS e Professor da FANOR e FCRS (Ceará).

Abstract *The article examines the citizen communication processes tissues by young working in association Aldeia, in Fortaleza, Ceará. The research is theoretical studies of social movements, digital media and citizen communication. Selected as a result of the research, three aspects of the uses of technology by Aldeia young participants: 1) the absence of greater criticality in reading the media; 2) the complementarity between analog and digital media; and 3) the demand for professionalism*

Keywords: *Youth. Citizenship. Digital media. Social movements.*

Data de submissão: 26/01/2013

Data de aceite: 04/03/2013

Introdução

Apesar do “lugar-comum” que implica abordar as transformações advindas da presença e do impacto das tecnologias na vida social, entendemos que é necessário pontuar, na introdução deste artigo, algumas das mudanças que assistimos na sociedade nessas duas últimas décadas, especialmente a partir do início da popularização da internet residencial. As mutações nas experiências subjetivas e nas sociabilidades ocasionadas pela emergência e disseminação das mídias digitais³ têm repercutido significativamente em nossos modos de ser e de estar no mundo, reconfigurando, também, a atuação dos movimentos sociais e as práticas de cidadania dos atores coletivos na contemporaneidade.

São essas transformações nas formas de articulação e de organização da sociedade que vêm atribuindo outros contornos à chamada comunicação cidadã, noção gestada, principalmente, no contexto do pensamento latino-americano, e em torno da qual vêm se desenvolvendo reflexões sobre as práticas de atores e de movimentos sociais orientadas à democratização do acesso, da produção e da gestão dos recursos comunicacionais nos processos de luta e de transformação da sociedade. As mídias digitais vêm provocando, nas últimas décadas, reordenamentos nessas práticas de comunicação cidadã ao favorecerem a intensificação dos fluxos e das redes comunicacionais e ao abrirem novas possibilidades de experimentação comunicacionais, aprofundando o deslocamento da condição de audiência dos atores sociais para o de produtores de conteúdos midiáticos e gestores de políticas comunicacionais.

No marco do cenário descrito anteriormente, o interesse deste artigo⁴ é perceber quais processos de comunicação cidadã são engendrados pelos jovens quando estes atores coletivos passam a desenvolver práticas

³ Quando falamos das mídias digitais, estamos nos referindo aos meios e suportes de comunicação que se utilizam da tecnologia de codificação e decodificação de sinais digitais. São meios e ferramentas que tornam possível a produção e o compartilhamento de textos, sons e imagens em um tipo único de formato, que é o digital.

⁴ As reflexões levantadas neste artigo advêm dos resultados da pesquisa de doutorado de Daniel Barsi Lopes, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Cogo, entre 2008 e 2012. Ver Barsi Lopes (2012).

de usos e apropriações das mídias digitais no âmbito de associações e projetos voltados para a inserção sociocultural da juventude em situação de vulnerabilidade social. O objeto de referência da investigação é a associação *Aldeia*, localizada em Fortaleza, na região Nordeste do Brasil, organização que trabalha com jovens moradores da região do Morro Santa Terezinha⁵, área de risco e pobreza, segundo visões construídas e disseminadas por alguns meios de comunicação⁶ que fazem cobertura quase que diária sobre os fenômenos da criminalidade ocorridos no local.

Da comunicação popular à comunicação cidadã

Falar de movimentos de jovens e de seu potencial de inserção cidadã a partir dos usos das mídias digitais é resgatar, inicialmente, o percurso de entrelaçamento entre os movimentos sociais e a comunicação. Vale destacar, desde já, que iniciativas como as desenvolvidas pelo *Aldeia* não surgiram do acaso e tampouco são uma novidade. Ações desse tipo, mesmo que com perfis distintos, são herdeiras de uma trajetória de movimentos populares que se desenvolveram na América Latina nas décadas de 60 e 70 do século passado, vinculadas especialmente ao cenário de reação à ditadura militar.

No panorama brasileiro, uma comunicação alternativa aparece mais vinculada aos intelectuais de esquerda, atuando em oposição à ditadura militar, conforme foi possível observar em propostas como a dos jornais *Opinião*, *O Pasquim* e *Coojornal*, ao passo que a comunicação popular surge inserida em movimentos de base (como as Comunidades Eclesiais de Base), associações comunitárias, grupos populares (como de mulheres). Ambas se constituem como modos de resistência a uma comunicação de

⁵ Os moradores do morro vivem, em grande parte, abandonados pelos poderes públicos e amedrontados pela violência do lugar, como consequência de Fortaleza ser uma metrópole dividida, desigual, onde são formadas áreas periféricas mesmo no interior da cidade (geograficamente próximas do Centro, como no caso do Morro Santa Terezinha).

⁶ Especialmente os noticiários televisivos sensacionalistas locais, como *Barra Pesada*, exibido pela TV Jangadeiro, retransmissora da TV Bandeirantes em Fortaleza, e *Cidade 190*, apresentado pela TV Cidade, retransmissora da Rede Record na capital do Ceará.

massa que se desenvolve alinhada aos interesses hegemônicos de grandes grupos econômicos e políticos, incluindo das próprias organizações midiáticas (COGO, 2005)⁷.

Entretanto, apesar das diferentes denominações que pode receber esse tipo de comunicação mais dialógica, uma série de fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais – que têm se intensificado cada vez mais nos últimos anos – vêm colaborando em um processo de apagamento das fronteiras entre o alternativo, o comunitário, o popular etc. A globalização econômica e cultural, que reconfigura os marcos identitários; o transnacionalismo, que acarreta a relativização dos Estados nacionais; a formação da sociedade em rede, que pode favorecer relações mais horizontais e menos hierárquicas; o incremento das tecnologias da comunicação – especialmente o surgimento da internet –, que altera substancialmente as noções de espaço e de tempo –, podem ser apontados como exemplos de algumas dessas transformações em curso no cenário contemporâneo.

Dentre esse conjunto de mudanças, não se pode deixar de destacar, também, a intensificação dos fluxos migratórios internacionais, que promove uma maior hibridação cultural ao mesmo tempo em que enfatiza a formação de comunidades xenófobas e fundamentalistas; a pluralização das propostas e concepções de cidadania, com sua ampliação para além dos direitos sociais, civis e políticos; e os próprios reordenamentos dos movimentos sociais, que se aliam a novas agendas e a diversificadas demandas socioculturais, econômicas e políticas (COGO, 2010). Além de estarem presentes nos conflitos nitidamente de classe, os movimentos sociais inserem em suas agendas de luta outras questões relacionadas às desigualdades sociais e culturais, como aquelas relativas às identidades étnicas, sexuais, ambientais, regionais, urbanas etc.

No marco dessas mutações que vêm provocando reordenamentos nos campos do alternativo, do comunitário e do popular e da emergência da noção de cidadania como umas das esferas centrais da co-

⁷ Não podemos deixar de citar, também, a ação de vários movimentos que, no contexto brasileiro, lutaram em prol das classes trabalhadoras, como os movimentos sindicalistas.

municação produzida pelos movimentos sociais, optamos por situar as práticas juvenis analisadas nesse artigo na seara da comunicação cidadã⁸. Não pretendemos, com isso, desconsiderar os antecedentes da presença da cidadania como uma perspectiva sociopolítica central das práticas de comunicação alternativa e popular dos movimentos sociais no contexto latino-americano, embora possamos observar que, entre os 1970 e 1990, a comunicação cidadã tenha sido escassamente utilizada na América Latina para nomear a comunicação alternativa e popular – tanto no âmbito dos movimentos sociais quanto na esfera da pesquisa comunicacional⁹. Os estudos acumulados, entretanto, permitem afirmar que essas práticas se mobilizavam em torno de ideais cidadãos de democratização dos processos e dos meios de comunicação, vinculados a alguns ideários de transformação social.

Desde uma tessitura em redes locais, nacionais e transnacionais¹⁰ a cidadania já se constituía, portanto, em uma “questão comunicacional” para setores da sociedade civil e para movimentos sociais organizados, tendo em vista que suas práticas de comunicação buscavam se orientar pelo deslocamento de modelos instrumentais e difusionistas para perspectivas predominantemente interacionistas. Ou seja, buscavam privilegiar as inter-relações entre os polos da produção e da recepção comunicacionais, enfatizando a comunicação como processo, na perspectiva de ampliar os espaços de intervenção de setores sociais em micro e macro instâncias das políticas e das práticas de comunicação. Em síntese, a cidadania aparece incluída como “questão comunicacional” na agenda de lutas da sociedade civil, marcada, especificamente, pela preocupação com a democratização dos processos comunicacionais

⁸ Não desconsideramos aqui que a profusão no emprego do termo “cidadania” por diferentes setores (acadêmico, empresarial, governamental etc.) nos últimos anos impacta a própria capacidade explicativa do conceito, contribuindo para atribuir uma elasticidade exagerada a essa noção conceitual.

⁹ Muitas vezes era mais uma dentre as várias terminologias empregadas para nomear as experiências de comunicação dos setores populares, denominadas, dentre outros termos, como alternativa, popular, comunitária, local, dialógica e horizontal.

¹⁰ Vale assinalar que essa comunicação se desenvolveu através da combinação de perspectivas locais (das cidades, dos bairros etc.), nacionais (dos países latino-americanos) e, em certa medida, também transnacionais (na esfera da América Latina e dos vínculos entre países latino-americanos e europeus).

e midiáticos no contexto latino-americano como sendo uma condição primordial para a conquista de igualdade social.

Mais recentemente essa centralidade do termo “cidadão” pode ser evidenciada em reflexões acadêmicas como as de Martín-Barbero (2008), que defende a comunicação cidadã como terminologia mais apropriada para nomear o panorama cada vez mais denso e interconectado de redes de meios comunitários dinamizados na contemporaneidade. Embora possam se situar e serem produzidas desde o local, essas mídias comunitárias vêm buscando, de modo crescente, abranger outras esferas e intervir em distintos âmbitos, como o regional e o nacional, ancorados em projetos e agendas mais amplos, como os dos conflitos políticos ou as das questões socioambientais (MARTÍN-BARBERO, 2008).

No esforço de compreensão dessa comunicação cidadã, Martín Barbero postula, ainda, para as chamadas pesquisas de recepção latino-americanas, o deslocamento da análise do consumo ou da leitura dos meios, por parte dos receptores, para a análise dos processos de “empoderamento” – ou do que poderíamos denominar igualmente de “políticas do sujeito” –, gestadas em experimentações com as tecnologias da comunicação. Em torno dessa dimensão, o posicionamento do autor sugere já a atualidade da noção de cidadania comunicativa, a partir da afirmação da emergência do conceito de “meios cidadãos” – em lugar de meios de comunicação comunitários e populares – como aqueles gerados nas “brechas” conformadas nas contradições mais amplas do capitalismo e nas pequenas contradições cotidianas (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Se, na América Latina, falar de “alternativo”, segundo resgata o autor, significava assumir a autenticidade e a beleza que representava “ser pequeno” ou a possibilidade de se constituir como uma alternativa à amplitude, ao imperialismo e à “mentira” dos meios de comunicação, falar de comunitário esteve associado ao desejo de perseguir uma democratização interna dos meios, no que se refere à participação de diferentes setores populares, como mulheres, crianças, jovens etc. (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Mais recentemente, o cidadão parece emergir para afirmar a capacidade dos usos dos meios de comunicação para falar da vida dos bair-

ros e das nações, evidenciando que mais o comunicacional, e menos o tecnológico, se torna a chave de transformação política e democrática. Martín-Barbero nos faz refletir que “as pessoas sabem que, na comunicação, começam a ter um poder que nunca tiveram. [...] São os contos, músicas, narrativas, não apenas a transmissão da palavra, mas a visibilidade política para se fazerem presentes com novas formas de cidadania” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 161).

Nas relações entre comunicação e práticas de cidadania, cabe enfatizar, ainda, que entendemos a primeira como um potencial para que sujeitos coletivos atuem no sentido de construção da segunda. O direito à comunicação não é algo que deve ser pensado somente a partir da perspectiva do acesso, mas, também, do direito de todos de produzir comunicação, de difundir conteúdos, de gerir políticas públicas nesse âmbito. Os processos de aprendizagem educacionais não se dão somente a partir da apropriação das mensagens emitidas pela mídia, mas, também, desde sua produção e gestão. A participação no desenho de projetos que envolvem as tecnologias, na tomada de decisões, na pesquisa e produção sobre temáticas de relevância que mereçam ser debatidas publicamente, na visibilidade de outras pautas não priorizadas no espaço dos grandes conglomerados midiáticos, nos processos de edição que priorizem outras gramáticas comunicativas, são algumas das dimensões de uma comunicação cidadã na qual os processos sociocomunicacionais podem assumir mais relevância do que o produto final em si, especialmente quando a sociedade passa a organizar-se através da lógica das redes.

As redes e a participação na sociedade

A juventude contemporânea configura um grupo plural e heterogêneo, que vêm experimentando modos múltiplos e contraditórios de apropriações e usos das tecnologias da comunicação na vida cotidiana. As relações dos jovens com a sociedade em rede comportam uma mul-

tiplicidade de padrões que vem colaborando para desestabilizar a percepção hegemônica sobre a existência de um único modelo de vínculo do jovem com o sistema digital, em que a juventude apareceria definida como aquela permanentemente conectada ao mundo virtual e isolada de seu entorno social concreto.

Na perspectiva de deslocamento desse modelo, que aparece frequentemente afirmado pela literatura acadêmica ou mesmo pelo senso comum, propomos pensar as mídias digitais como artefatos que, em vez de promoverem apenas os processos de individualismo e de isolamento social, são capazes de potencializar apropriações e usos sociais. Os processos de interação com essas mídias podem propiciar, dentre outros, alternativas de entretenimento, interesse pelo entorno local e pelos acontecimentos globais, participação em determinadas instâncias da sociedade, ou ainda, instauração de dinâmicas de cidadania.

Os contornos que assumem as experiências de exercício da cidadania na atualidade ultrapassam a questão tradicional dos direitos sociais, políticos e civis para fazerem referência a elementos relativos à produção e à gestão comunicacionais e, também, aos diálogos, disputas e aproximações produtivas entre as diferentes culturas. Outros modos de exercício cidadão vão se conformando, na atualidade, para impulsionar processos de deslocamento de um ideário de cidadania ancorado em um viés político *stricto sensu* para abranger, também, questões culturais e de (re)afirmação identitária e, ao mesmo tempo, ser dinamizado no âmbito das chamadas micropolíticas do cotidiano e não mais apenas nas instâncias macro da vida institucional. A noção de “cidadania ativa” torna-se útil, nessa perspectiva, para nos deslocar da percepção de uma cidadania atribuída e distribuída pelos Estados e nos situarmos em uma ótica relacional, que coloca em relação Estado e sociedade na disputa e negociação de recursos e direitos cidadãos. Como assinala Hopenhayn (2002, p. 9), a ideia republicana de cidadania reaparece, “mas não no horizonte da participação política ou dos grandes projetos de sociedade, senão em uma grande variedade de práticas de *low profile*, sejam associativas ou comunicativas, que não

necessariamente concorrem no público estatal”. Muitas dessas políticas estão orientadas hoje aos usos das mídias para a construção e para a visibilidade públicas de agendas de mobilização e lutas por parte de atores e movimentos sociais.

A própria constituição da sociedade em rede e da presença central das tecnologias da comunicação na vida social tem sido apontada como um processo que vem impactando os modos de exercício da cidadania no espaço público. Embora seja uma prática humana muito antiga, a formação das redes se redimensiona, na atualidade, a partir de três processos que, elencados por Castells, estão relacionados às exigências do setor econômico por flexibilização administrativa e organização do capital; à supremacia de valores sociais relacionados à liberdade individual e à comunicação aberta; e aos avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações, possibilitados pela revolução microeletrônica (CASTELLS, 2003). Como também refere Molina (2004), a própria emergência do debate a respeito das redes está associada a uma sensação de interconexão que acompanha as relações contemporâneas e que não é somente próprio das redes, senão um fenômeno amplamente difundido.

Para Castells (1999), as redes configuram as lógicas da organização social contemporânea, caracterizando-se pela geração, processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e de poder. Na visão do pesquisador, os aspectos essenciais da constituição dessa organização social condicionam ou impactam de alguma forma dimensões tão diversas quanto a economia, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia, sugerindo que a sociedade em rede seria a estrutura social dominante do planeta (CASTELLS *et al.*, 2007). O autor pensa a sociedade em rede a partir de uma abrangência transversal, ou seja, através da análise de aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais, ao mesmo tempo em que reconhece que a lógica de rede, embora assuma uma dimensão global, não substitui outras estruturas sociais, mais centralizadas e hierárquicas.

O caráter não homogêneo do que propõe chamar de sociedade em rede é destacado por Castells em pesquisa sobre os usos da internet na região da Catalunha (Espanha), em que o autor evidencia a parcialidade de acesso e de consumo da internet por parte da população mundial (CASTELLS *et al.*, 2007). Os limites de autonomia, escolhas e decisões na sociedade em rede são refletidos por outros autores, como Cardoso (2007), que vincula esse tipo de organização social diretamente à capacidade de interação dos sujeitos individuais com as tecnologias, mas que, segundo alerta o autor, estará condicionada sempre por limites sociais, econômicos e políticos que definem o acesso e o uso das tecnologias. A não homogeneidade da sociedade em rede sugere, ainda, que não podemos desconsiderar a importância que seguem tendo, para as sociedades contemporâneas, as interações face a face e não mediadas pelas tecnologias.

A atuação dos movimentos sociais é impactada pelos modos de organização da sociedade em rede e pelas possibilidades abertas aos sujeitos sociais, dispersos por diferentes territórios, de articularem-se e de congregarem-se, mesmo que parcial e temporariamente, a partir da mediação, em muitos casos, das mídias digitais. O que alguns autores têm denominado de “ativismo em rede” (MACHADO, 2007) aparece, por exemplo, materializado em um amplo espectro de ações locais, nacionais e transnacionais multiterritorializadas, em que as tecnologias da comunicação, especialmente a internet, assumem preponderância nas estratégias de planejamento, articulação e mobilização dos movimentos sociais. Essa nova forma de organização em rede resulta, segundo Machado (2007, p. 268), na “ampliação da capacidade de produzir, reproduzir, compartilhar, expressar e difundir fatos, ideias, valores, visões de mundo e experiências individuais e coletivas em torno de identidades, interesses e crenças – e em um espaço muito curto de tempo”.

A associação *Aldeia* e o itinerário metodológico da pesquisa

A pesquisa que origina este artigo foi articulada através de um processo de observação das diversas atividades do *Aldeia*, especialmente a partir do acompanhamento sistemático do Mapa ao Quadrado¹¹, o projeto da ONG que estava sendo desenvolvido com os jovens na época da investigação. Estivemos presentes nas oficinas teóricas ministradas, nas reuniões para discutir a concepção do produto audiovisual que seria executado, nas gravações pelos arredores do Morro Santa Terezinha, nas produções das entrevistas com as principais personagens da comunidade e nos processos de edição do documentário. Também seguimos, ao longo dos quatro anos de desenvolvimento da investigação, outras iniciativas do *Aldeia*, como reuniões da associação, gravações de materiais audiovisuais, exposições de cineclube, participação em editais e concretização do Festival de Jovens Realizadores¹². Alguns dos jovens participantes da instituição – Roberta, 18 anos; Xaiane, 22 anos; Rosa, 19 anos; Jaqueline, 22 anos e Lucas¹³, 22 anos – nos concederam entrevistas em profundidade¹⁴ ao final do projeto Mapa ao Quadrado, nos possibilitando conhecer suas experiências subjetivas, visões de mundo e trajetórias no contexto das mobilizações coletivas, especialmente no que diz respeito à experiência no âmbito do *Aldeia*.

A ideia da criação do *Aldeia*, em 2004, surgiu a partir de um coletivo de quatro sociólogos – Simone Lima, Elson Batista, Ricardo Salmito e Leonardo Sá – ligados à universidade e que desejavam empreender projetos extra-acadêmicos na cidade de Fortaleza. Os quatro sociólogos, que tinham uma trajetória anterior de vínculos com a mídia e de reflexão so-

¹¹ Projeto de capacitação e realização audiovisual desenvolvido através de verba concedida via edital da FUNARTE. O projeto, parceiro e quase um “filho” do *Aldeia*, utilizou como espaço físico para as oficinas e demais encontros a sede da associação, no morro, bem como teve o auxílio de alguns jovens que participam ativamente do *Aldeia*.

¹² Realizado em junho de 2011, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Fortaleza/CE.

¹³ Nomes fictícios, para preservar a identidade dos sujeitos-pesquisados.

¹⁴ O roteiro das entrevistas em profundidade englobava cinco tópicos específicos: relações entre juventude e participação; consumo e uso dos meios; relações entre juventude e mídia; relações com o *Aldeia* e o Mapa ao Quadrado; relações entre cidadania, mídia e entorno local.

bre os meios de comunicação, começaram a construção do *Aldeia* a partir dessa perspectiva crítica sobre a mídia e, também, com foco voltado para as DSTs¹⁵. Um dos grandes projetos da associação, nas palavras de Siqueira (2009)¹⁶, é o Escola de Mídia, que já tem sete anos e é feito, normalmente, todos os anos. Trata-se de um curso para a capacitação da juventude para a leitura e a produção midiáticas, fundamentado em análises de conteúdos de gêneros e de programas televisivos, com o intuito de ampliar o potencial de expressão e de criação, buscando transformar os jovens em produtores e emissores de suas próprias mensagens audiovisuais.

A atuação dos jovens no âmbito do *Aldeia* abrange duas modalidades: a de participantes voluntários e a de bolsistas, que desenvolvem atividades na associação. Para o pagamento das bolsas, bem como para o suporte financeiro da associação, o *Aldeia* mantém uma relação estreita com as políticas públicas. “A gente tem várias frentes. [...] entra em edital público, [...] busca parcerias nos fundos de cultura estadual, federal e municipal, [...] vai atrás de quem pode nos apoiar para desenvolver um projeto” (LIMA, 2009). O *Aldeia* organiza grande parte de seu trabalho em função dos editais, “que são lançados e envolvem educação, arte, cultura, cidadania, direito civil, tudo o que traga alguma melhoria para as pessoas” (SIQUEIRA, 2009)¹⁷.

Dentre as várias experiências tecidas pelos jovens através de suas participações no *Aldeia*, destacamos três eixos de análise – a serem aprofundados no próximo tópico – que dizem respeito à ausência de uma perspectiva mais crítica de leitura dos meios de comunicação e de análise das estruturas e relações sociais geradoras de desigualdades; à complementaridade entre as mídias analógicas e digitais nos usos cotidianos – dentro e fora do espaço da associação – dos jovens; e à uma demanda por profissionalização para o mercado de trabalho voltado à comunicação.

¹⁵ Doenças sexualmente transmissíveis.

¹⁶ As citações neste tópico do artigo vêm das entrevistas realizadas com Simone Lima e Valdo Siqueira, diretores do *Aldeia*.

¹⁷ No período selecionado para realizarmos o acompanhamento sistemático (com começo, meio e fim) de um projeto vinculado ao *Aldeia* o Mapa ao Quadrado apresentou-se como a única opção, visto que a mudança de governo federal fez com que a abertura de editais públicos diminuísse consideravelmente no primeiro semestre de 2011.

Jovens e mídias digitais: complementaridade, leitura crítica e profissionalização

Os protagonistas da pesquisa compõem um perfil não muito diferente do que se observa em diversas comunidades populares de outras metrópoles brasileiras¹⁸. Todos estudaram em escola pública e, atualmente, apenas um dos informantes possui vínculo empregatício. A totalidade dos jovens relata dificuldades econômicas, mas quase todos apresentam, mesmo com as limitações financeiras, acesso aos meios digitais (tocador de MP3, câmeras etc.), inclusive desde suas residências¹⁹. Celulares modernos, com conexão à internet – alguns deles *smartphones* – e com diversas outras funções, configuram a estética construída e exibida pela maioria desses sujeitos sociais.

A dieta midiática dos jovens participantes do *Aldeia* assume uma dimensão de complementaridade nos usos das mídias (MORLEY, 2008), configurando um cenário no qual os acessos se dão de formas múltiplas e complementares, combinando apropriações de meios “novos” e “tradicionais”. As fotos e os vídeos são feitos em câmeras ou nos celulares, o conteúdo da TV é visto na internet e na televisão; o acesso à internet se dá a partir de computador e do celular; o consumo de filmes e músicas se processa através da compra da DVDs piratas e de *downloads* através de *sites* na rede; as notícias são vistas nos jornais impressos, nos telejornais e nos portais da internet. “Eu acordo e já ligo o rádio, porque eu adoro escutar música” (Xaiane, 22 anos). “O que eu mais vejo é a televisão, ela fica o dia todo ligada lá em casa, porque sempre tem alguém assistindo” (Rosa, 19 anos). “Como eu gosto de cuidar da casa, eu ligo primeiro o rádio e fico fazendo as minhas coisas de casa. Depois eu corro para a internet, para olhar os meus e-mails e as redes sociais” (Jaqueline, 22 anos).

¹⁸ Fortaleza possui cerca de 2,5 milhões de habitantes (sem contar a região metropolitana) e figura, como referem os dados do IBGE de 2010, como a quinta cidade mais populosa do país, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília.

¹⁹ Alguns dos jovens possuem computador e banda larga em seus lares. Outros, mesmo com PC em casa, têm que recorrer às *Lan Houses* para acessar a internet, pois a conexão residencial ainda se dá via discagem telefônica, o que gera desconforto, por parte dos jovens, devido à demora e à limitação nos horários de uso.

“Pra mim é, basicamente, internet e televisão. E o rádio, que escuto quando tô indo para o trabalho” (Lucas, 22 anos).

O consumo das mídias é construído através de rotinas nas quais a internet e a televisão, principalmente, aparecem como os meios mais acessados pelos jovens, apesar de uma ampla e pulverizada participação de outras mídias em seus processos de produção, circulação e apropriação midiáticas. Talvez em virtude da atuação em projetos que se constituem em torno da mídia e de certa centralidade que os meios de comunicação assumem nas vivências dos jovens, é possível destacar as competências técnicas adquiridas por eles no trato com a mídia, a absorção de seus processos produtivos, de suas lógicas, linguagens e gramáticas, apontando para o papel das mediações videotecnológicas nos processos de usos e apropriações dos meios de comunicação. “Eu gosto muito de ver o [tele]jornal e, de vez em quando, eu vejo a novela. [...] Na internet eu gosto de ver as notícias. O que eu escuto na rádio eu vou lá nos portais da internet pra ver mais informações, para conferir se é verdade mesmo o que eles estão falando” (Lucas, 22 anos). “Ultimamente eu tenho me voltado mais para as notícias nacionais e regionais, apesar de saber que a mídia, muitas vezes, não mostra a realidade, ela mostra somente aquilo que ela quer” (Jaqueline, 22 anos).

Chama a atenção, entretanto, o fato de que, mesmo participando em projetos que se propõem a pensar sobre a mídia a partir de outra perspectiva, contra-hegemônica, esses jovens sigam roteiros em suas incursões pelos meios que vão justamente ao encontro de algumas lógicas dominantes, em termos de gêneros e conteúdos: seriados, telejornais, novelas e programas de humor de emissoras hegemônicas, no caso dos consumos de televisão, e portais de notícias, redes sociais e *chats* de conversação, no que diz respeito aos usos da internet. “Adoro o Record News, que passa notícias do mundo inteiro” (Roberta, 18 anos). “Eu gosto de ver um pouco de tudo, sabe, eu vejo fuxico dos artistas, eu vou muito no site do G1 e no UOL, pra ver o que tá acontecendo no Brasil e no mundo” (Xaiane, 22 anos). “Adoro Pânico e Legendários” (Jaqueline, 22 anos). Ou seja, programas alternativos e *sites* ou *blogs*

que não estejam vinculados aos grandes conglomerados midiáticos não compõem – pelo menos não de modo regular – os repertórios e as rotinas de consumo midiático dos jovens participantes da pesquisa.

É nesse sentido que foi possível perceber a ausência de uma perspectiva de trabalho, no seio do *Aldeia*, que se abra de forma mais veemente e aprofundada através da leitura crítica da mídia e da análise das estruturas sociais e estatais²⁰. Percebemos, no âmbito da associação, que, mesmo depois de meses de participação em um projeto que, teoricamente, tem a discussão sobre os meios de comunicação como um dos seus eixos orientadores, os jovens informantes não foram mobilizados para discutir sobre questões fundamentais que, construídas pelas mídias, repercutem diretamente em suas vidas cotidianas e incidem nas políticas de igualdade social nas quais estão inseridos. É o caso, por exemplo, da violência urbana – e as formas como a mídia apropria-se desse fenômeno e o reconfigura –, sobre a qual parece não haver um debate de modo mais efetivo no espaço do projeto. Alguns dos sujeitos-pesquisados acabam, por exemplo, por vincular a violência a aspectos individuais e a uma perspectiva maniqueísta de bem e mal, isentando o Estado de suas responsabilidades. “O que eu mudaria aqui no Morro seria a violência. [...] A violência é algo individual, que tem dentro de você. Com o tempo é que vai se formando o caráter, então, o que teria que acontecer é essa pessoa receber uma orientação espiritual” (Jaqueline, 22 anos). A cultura da violência aparece, nessa e em outras falas dos jovens, associada quase exclusivamente à criminalidade, desvinculada, em geral, das instituições estatais e governamentais e de suas causas estruturais (TAVARES DOS SANTOS, 1999).

O que parece ficar claro, em algumas experiências do *Aldeia*, é a emergência de uma prática cidadã, através das mídias digitais, que se alicerça, muitas vezes, na experimentação pela experimentação, no gra-

²⁰ Vale ressaltar que não queremos dizer que não haja, de modo algum, uma parcela de criticidade nas posturas dos jovens informantes. O que ponderamos é que esse caráter mais reflexivo acerca do papel desempenhado pelos meios de comunicação poderia também ser desenvolvido de forma mais efetiva no trabalho levado a cabo pela associação.

var por gravar, sem que haja uma preocupação efetiva com os sentidos que mobilizam as filmagens, com as transformações mais profundas que se buscam com as visibilidades ressignificadas e com o potencial de crítica social que reveste o produto audiovisual originado naquelas experiências. Até mesmo porque as oficinas teóricas, ou seja, as que envolvem debates e discussões – e se distanciam da prática de sair pela comunidade filmando e entrevistando os moradores – são consideradas enfadonhas e monótonas por boa parte dos participantes dos projetos do *Aldeia*. “Ele [coordenador do projeto] falava muito sobre cinema, sobre TV, e era um pouco chato, porque ele ficava só falando” (Roberta, 18 anos). “No começo eu não gostava, porque era muito chato, era só besteira, a pessoa só ali falando e a gente só parado. Eu até ia desistindo, mas aí resolvi ficar, quando a gente começou a filmar no Morro, pra fazer o documentário” (Rosa, 19 anos). As falas das jovens refletem a realidade observada no acompanhamento das atividades do Mapa ao Quadrado. Enquanto as oficinas teóricas se desenvolviam, podíamos observar certo desinteresse por parte da turma. Saídas constantes da sala, brincadeiras no celular, olhares perdidos e entediados marcavam a participação de alguns dos jovens.

A ânsia pela prática – em detrimento de um debate mais aprofundado sobre os temas em questão – pode ser explicada a partir de um desejo recorrente e imediato desses jovens de se profissionalizarem tecnicamente para conseguir um emprego que lhes traga alguma estabilidade financeira. Muitos dos participantes do *Aldeia* criticam a falta de encaminhamento ao mercado de trabalho, algo que, na visão deles, não é articulado através da associação. “A questão é que você precisa de dinheiro, você precisa trabalhar. Como eu te disse [a atuação na ONG], não é uma coisa constante, que te dê estabilidade. Você precisa ser adulto, pagar suas contas, sustentar sua família” (Lucas, 22 anos). “Eles podiam, tipo, ter mais atenção durante o projeto para ver quem se destaca e selecionar esses para serem contratados por um período de experiência em um veículo de comunicação, na TV Verdes Mares, por exemplo” (Jaqueline, 22 anos).

Percebemos aqui dois elementos interessantes com relação à questão do trabalho. Primeiramente evidenciamos uma espécie de paradoxo nos relatos de parte desses jovens, quando, ao mesmo tempo em que apontam falhas dos meios de comunicação (a repetição das novelas, as bobagens dos programas de auditório, os exageros e distorções dos telejornais, para citar alguns exemplos advindos das falas dos informantes), mantêm o desejo de que os projetos do *Aldeia* os formem e os encaminhem para empregos em grandes corporações midiáticas, como o Sistema Verdes Mares, em Fortaleza, afiliado da Rede Globo. Podemos tecer relações entre esse tipo de desejo por atuar nos meios hegemônicos com a centralidade de um tempo marcado pela visibilidade midiática e por uma ênfase no individualismo, cultivado, em parte, pela própria mídia. O outro elemento peculiar diz respeito à questão da precariedade do emprego e da ausência de vínculos trabalhistas estáveis e duradouros como elementos que marcam o contexto de nossos informantes – limitando, de certo modo, sua entrada no “mundo” adulto –, o que sugere um questionamento em torno do fato desses projetos sociais que lidam com o universo juvenil não encaminharem seus participantes de forma prática ao universo profissional. É importante, na visão dos jovens, que as mudanças em suas vidas não cessem quando o projeto tiver fim ou quando a associação passar por problemas financeiros e suspender suas atividades.

Vale problematizar a questão da profissionalização como uma pauta excessivamente importante no discurso dos jovens, embora não deixe de ser relevante. Ficou claro, ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo, que as expectativas em torno dos projetos, por parte dos jovens participantes, materializam-se mais através de um interesse por uma formação técnica e profissional e menos a partir da demanda por uma formação crítica para a vida e para atuar junto aos meios de comunicação. Isso parece se distanciar do ideário de projetos alternativos e comunitários de comunicação que conhecemos e que têm orientado, especialmente na trajetória latino-americana, a configuração de uma comunicação popular e cidadã. Não que o desejo de se profissionalizar

não seja legítimo, mas o risco de sua “essencialização” nos parece pouco transformador, principalmente se considerarmos a já forte presença, na atualidade, de concepções de educação orientadas à profissionalização e ao pragmatismo, em detrimento de um ideal de desenvolvimento crítico dos sujeitos sociais ou de um projeto educacional que, pelo menos, alie as duas dimensões – profissionalização e formação crítica. Vale ressaltar, também, que os sentidos de cidadania dos jovens estão vinculados de forma muito marcante à visão de trabalho e de profissionalização, relação essa que se explica pela própria situação de exclusão ou de precariedade de inserção do mercado laboral vivenciada por eles. Nesse sentido, pudemos perceber uma forte demanda, por parte dos jovens, de se inserirem profissionalmente no universo midiático hegemônico, processo esse que aparece desvinculado de uma perspectiva que enxerga as associações e os projetos socioculturais como espaços de reflexão sobre a mídia – leitura crítica – e acerca das relações sociais e comunicacionais.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa sistematizados brevemente neste artigo nos motivam a refletir sobre que tipo de comunicação cidadã vem sendo tecida nesse encontro das mídias digitais – e da sociedade em rede – com as mobilizações coletivas juvenis. É claro que todos os processos de experimentações com as mídias digitais, mesmo que não sejam acompanhados de uma reflexão crítica mais aprofundada, são legítimos, até por possibilitarem aos jovens formas de expressão e exercícios práticos, a partir da criação de espaços – as associações – e de dinâmicas – as atividades – que, de algum modo, são propulsores de vivências concretas. Seja através das filmagens de seu entorno local; da seleção do que querem visibilizar; das falas e dos elementos que priorizam na edição; dos roteiros produzidos; ou das ideias que vêm à tona nas rodas de conversa, é importante apontar que não é possível desconsiderar o fato de os jovens estarem se relacionando com as tecnologias, desenvolvendo capacidades

criativas, exercitando a escrita e a expressão oral, enfim, adicionando conhecimentos ao seu repertório.

Vale ressaltar, entretanto, que questionar a mídia e recolocar sob outra perspectiva a construção social da realidade por padrões e organizações midiáticas hegemônicas é algo que vem sendo reconhecido como elementos preponderantes para as transformações sociais. Nesse sentido, situa-se, no campo de reflexão da comunicação cidadã, a expectativa de que os projetos socioculturais que têm os meios digitais como foco possam motivar os jovens a ultrapassar a questão do uso dos suportes, na perspectiva de não empoderá-los apenas tecnicamente, mas de possibilitar que se sintam mobilizados e aptos a refletir, e mesmo a requalificar, os sistemas midiáticos. Participar e exercer a cidadania, nesse sentido, seria mais do que utilizar a mídia, mas perceber as possibilidades e ações para sua transformação.

Referências

- BARSI LOPES, D. *Cidadania e juventude: usos das mídias digitais na ONG Aldeia*, em Fortaleza, e no projeto KDM, em Barcelona. 492 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.
- CARDOSO, G. *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CASTELLS, M.; TUBELLA, I.; SANCHO, T.; ROCA, M. *La transición a la sociedad red*. Barcelona: Ariel, 2007.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COGO, D. A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. *INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 33, p. 81-103, 2010.
- COGO, D.; BRIGNOL, L. D. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. *Matrizes* (USP. Impresso), v. 4, p. 75-92, 2011.
- COGO, D. Mídia Comunitárias: outros cenários e cidadanias. *Revistas Direitos Humanos*, 2005. Disponível em: <http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=1>. Acesso em: mar. 2013.

- HOPENHAYN, M. A cidadania vulnerabilizada na América Latina. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2002.
- LIMA, S. Depoimento [fev. 2009]. Entrevistador: Daniel Barsi Lopes. Fortaleza, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude, cidadania e multiculturalismo: *Aldeia, Encine e seus receptores-produtores midiáticos*, 2009.
- MACHADO, J. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Claves de la investigación en las políticas de la comunicación y la cultura*. Barcelona: Fundación CIDOB/Cátedra UNESCO de Comunicación (InCom-UAB), 2008. (Série Dinâmicas interculturales n. 11).
- MOLINA, J. L. La ciencia de las redes. *Apuntes de Ciencia y Tecnología*, n. 11. jun. 2004. Disponível em: http://revista-redes.rediris.es/recerca/jlm/public_archivos/ciencia.pdf. Acesso em: 20 mar. 2013
- MORLEY, D. *Medios, modernidad y tecnología: hacia una teoría interdisciplinaria de la cultura*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. Novos processos sociais globais e violência. In: *Violência e mal-estar na sociedade. São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 3, jul./set. 1999.
- SIQUEIRA, V. Depoimento [fev. 2009]. Entrevistador: Daniel Barsi Lopes. Fortaleza, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude, cidadania e multiculturalismo: *Aldeia, Encine e seus receptores-produtores midiáticos*, 2009.